

IMAGINÁRIO E REIVINDICAÇÕES DOS PRODUTORES DO OESTE CATARINENSE DURANTE O SURTO DE PESTE SUÍNA AFRICANA NO ANO DE 1978: CONSIDERAÇÕES SOBRE O "MANIFESTO DO OESTE"

Clóvis A. Cassaro^{1*}, Marlon Brandt²

1. Estudante de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
2. Doutor em História, professor de Geografia da UFFS/Orientador

Resumo

O presente trabalho se propõe a estudar, a partir de uma abordagem histórico-geográfica, o imaginário dos suinocultores do Oeste Catarinense durante o surto de Peste Suína Africana ocorrido no ano de 1978, buscando compreender como a crise foi percebida a partir de suas manifestações e reivindicações. Muitas delas foram publicadas em periódicos impressos, sobre os quais pesquisa pautou-se. Dentre essas publicações, destaca-se o *Manifesto do Oeste*, publicado em 1978, que reflete as preocupações e acepções do imaginário regional sobre a zoonose, além de outras publicações capazes de endossar os posicionamentos presentes no primeiro.

Palavras-chave: Suinocultura; Imprensa; Oeste de Santa Catarina.

Apoio financeiro: Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS,(bolsa e auxílio financeiro). Edital nº 459/GR/UFFS/2019.

Trabalho selecionado para a JNIC: UFFS

Introdução

O surto de Peste Suína Africana (PSA) ocorrido ano de 1978, cujo epicentro é a cidade de Paracambi-RJ (ZANOTTO, 2013), é um marco para a suinocultura nacional e, especialmente, para a região do Oeste Catarinense¹. Como já discutido brevemente por Cassaro e Brandt (2020), esta representou aos produtores o advento de diversas restrições às atividades suinícolas, além de intervenções diretas (fuzilamento de suínos) como forma de combate à peste.

Com o intuito de trazer à luz os primeiros contatos e impressões dos produtores com a zoonose, trazemos aqui uma notícia veiculada regionalmente em que, justamente, pretendia-se trazer esclarecimentos sobre o que era a PSA, tendo sido publicizada enquanto “[...] uma enfermidade vírica aguda, altamente contagiosa com morbiletalidade em torno de 90 a 100 por cento. O vírus da PSA é extremamente resistente a série de agentes químicos e físicos e para se ter idéia, em sangue seco a 18-23°C pode sobreviver até 70 dias.” (JORNAL OESTÃO, 1978b, p. 3).

Para além da descrença na existência da PSA (CORREIO DO SUL, 1978, p. 16), a divulgação da seriedade da situação, consorciada aos métodos de restrição adotados pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento estadual, incluindo a imposição de barreiras para entrada e saída de suínos do estado (JORNAL OESTÃO, 1978a, p. 3), gerou grande temor de um possível momento de arrefecimento da suinocultura, visto que as atividades agroindustriais representam o maior alicerce econômico regional e, à época, foram utilizadas como atividade-emblema da região (SILVA; HASS, 2017).

Destarte iniciaram-se diálogos entre os produtores e os sindicatos rurais a fim de formar comissões para reivindicar condições mínimas para a manutenção da suinocultura, chegando a reunir mais de 1.500 produtores (CORREIO DO SUL, 1978, p. 16). Entre as formas de manifestações exercidas, a que gerou mais impactos e reverberações foi o *Manifesto do Oeste*, veiculado por diversas mídias impressas, como o Jornal da Produção (1978a, p. 8), e nosso principal objeto de pesquisa.

Com isso, aqui pretendemos demonstrar e discutir como a crise de PSA foi percebida e esteve presente no imaginário dos suinocultores oestinos, lançando e situando-nos frente ao pensamento da época por meio de fontes impressas capazes de refleti-los.

Metodologia

A pesquisa constitui uma investigação de caráter histórico-geográfico, cujo percurso metodológico se embasa nos ensaios de Geografia Histórica de Maurício de Abreu (1998; 2000), isto é, dispondo da consulta a fontes históricas, sejam primárias ou secundárias, para se analisar acepções geográficas de acordo com o pensamento vigente no “presente de então” (ABREU, 2000, p. 18), no caso, o imaginário regional.

Entre as fontes consultadas, foram utilizados quatro jornais de circulação local, o Jornal Oestão, o Correio de Sul, disponíveis nos acervos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), o Jornal do Agricultor e o Jornal da Produção, estes últimos editados pela Federação das Cooperativas Agroindustriais de Santa Catarina (FECOAGRO) com o intuito direto de prestar assessoria aos produtores rurais e disponível

¹ Para eliminar ambiguidades, consideramos como oeste catarinense “[...] a área compreendida nos limites fixados em 1917 aos municípios Cruzeiro (atual Joaçaba) e Chapecó [...]” (RENK, 2006, p. 9).

no Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito (CEMAC), além de um jornal de grande circulação, O Pioneiro, disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Partimos do pressuposto que tudo que vem a ser publicado em periódicos parte de uma intencionalidade de quem idealiza a publicação, valendo analisar “[...] as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa” (DE LUCA, 2008, p. 140), e a partir do qual podemos tomar noções do imaginário vigente uma vez que este “[...] não pode ser o impensado ou o **não expresso**” (PESAVENTO, 1995, p. 15, grifo nosso).

Resultados e Discussão

“Procuramos a verdade, a justiça e o direito de sobrevivência”, a manchete de como o *Manifesto do Oeste* foi divulgado nas páginas do Jornal da Produção (1978a, p. 8) já é capaz de demonstrar traços do imaginário popular criado pela PSA e a suas formas de contenção, vistas como uma forma de restrição ao próprio direito de sobrevivência dos produtores, “não bastassem os efeitos intrínsecos da Peste [...]”.

O documento aqui discutido era direcionado ao presidente Ernesto Geisel e transcreve uma série de descontentamentos dos suinocultores com a situação então vivida, entre o que relatasse, chama a atenção a importância que dão à forma como sua produção se tornou mal vista e pouco consumida, em consequência de “[...] inimigos declarados de nossa atividade na televisão e nos jornais do País” (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1978a, p. 8), fazendo menção direta às especulações de que a PSA era proveniente da alimentação de porcos com lixo (O PIONEIRO, 1978, p. 6).

Além disso, a descrença na existência da peste também foi registrada no documento, levantando a hipótese da PSA ser apenas uma falácia proposta por um complô internacional, alegando “[...] estamos sendo manipulados por irresponsáveis ou quiçá inimigos da nossa Pátria e de nossa gente”, além de acreditarem estar “[...] sendo vítimas, por desconhecimento ou omissão, de inimigos do Brasil” (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1978a, p. 8).

Ademais, o documento traz nove reivindicações que acreditavam necessárias para reavivar a suinocultura regional, valendo destacar a querelância de horários de televisão para mostrar o rigor dos criatórios de suínos, a manutenção dos corredores sanitários estabelecidos para escoamento da produção regional, além de incentivos para modernização e fiscalização dos matadouros de porcos e a solicitação da vinda de técnicos especializados em PSA de outros países, em especial, como demonstra outra reportagem do Jornal Oeste (1978c, p. 2), franceses, uma vez que estes haviam conseguido “[...] se livrar disso em seis semanas”.

O manifesto conseguiu alcançar o impacto pretendido, provocando o deslocamento do ministro da agricultura para a capital catarinense e, posteriormente, para o Oeste, e em cujos diálogos estabeleceu-se uma espécie de dicotomia entre os produtores, que desejavam a suspensão imediata das medidas restritivas, e a equipe ministerial, que sofria com “[...] grandes pressões de outros países, especialmente os que compram produtos agropecuários para extremar as medidas sanitárias [...]” (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1978b, p. 9), temendo que seus rebanhos sejam contaminados.

A estratégia de apaziguamento adotada foi a compra de estoques dos suinocultores pela Cobal, além da criação de um novo corredor sanitário de livre tráfego para frigoríficos riograndenses (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1978c, p. 12), isso, contudo, ainda deixou descontentamentos entre os produtores, que viam a manutenção das restrições como “[...] uma espécie de suicídio econômico para a região”, instaurando-se também um estigma em relação às interferências estatais nos empreendimentos agropecuários, sendo vistos como mazelas.

Isso é atestado pelas notícias de outros momentos de crise da suinocultura em anos posteriores, como em matéria veiculada pelo Jornal do Agricultor (1980, p. 17) que, de maneira similar ao *Manifesto do Oeste*, traz reivindicações como “que as classes produtoras sejam ouvidas antes de serem estabelecidas normas e políticas agropecuárias [...]” e “que não haja a interferência governamental na comercialização dos produtos agropecuários, tais como, tabelamentos, confiscos, contingências, etc”.

Mesmo anos após a superação da crise, o ano de 1978 continuava a figurar no imaginário dos produtores como um momento sombrio, remetendo diretamente a “[...] quando a peste suína africana atingiu de forma inclemente a suinocultura nacional e quase dizimou os rebanhos do país” (O PIONEIRO, 1982, p. 2), o que ressalta a importância do mesmo enquanto marco.

Conclusões

Ao término do trabalho, foi possível constatar que o surto de Peste Suína Africana foi um momento marcante para a suinocultura nacional e regional, abalando o imaginário dos produtores de suínos em diversos aspectos, inicialmente, as incertezas em relação à real existência da PSA e os temores envolvendo o futuro próximo das famílias suinocultoras os levaram a endossar manifestações em conjunto aos sindicatos e a Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina.

O *Manifesto do Oeste* se constituiu na maior das manifestações ocorridas, capaz de gerar reverberações que atingiram a atenção e as preocupações do governo ditatorial, o que também revela a importância da região Oeste catarinense no cenário agropecuário e agroindustrial brasileiro, com poder de barganha para criar-se corredores sanitários específicos para si.

Uma vez mais, é válido considerar a presença da PSA no imaginário dos produtores da região influenciou na tomada de decisões e reivindicações em turbulências posteriores, fazendo jus a o que Sandra Pesavento (1995, p. 24) considera ser um “[...] jogo de espelhos onde o ‘verdadeiro’ o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa ausente e difícil de perceber”.

Referências bibliográficas

Fontes documentais

Procuramos a verdade, a justiça e o direito de sobrevivência. **Jornal da Produção**. Florianópolis, 15/31 de agosto de 1978a, ano VII, n. 64, p. 8.

COBAL compra carne suína para estocagem. **Jornal da Produção**. Florianópolis, 15/31 de agosto de 1978b, ano VII, n. 64, p. 9.

Paulinelli anunciou a abertura de um corredor sanitário para o Rio Grande do Sul. **Jornal da Produção**, Florianópolis, 01/15 de setembro de 1978c, ano VII, n. 65, p. 12.

...E a peste chegou. **Jornal Correio do Sul**, Laguna, 01 de setembro de 1978, ano II, n. 52, p. 16.

Criadores de suínos querem mais tecnologia. **Jornal Oestão**, Chapecó, 14 de junho de 1978a, ano I, n. 11, p. 3.

Suinocultura: Peste suína africana. **Jornal Oestão**, Chapecó, 12 de julho de 1978b, ano I, n. 15, p. 2.

A peste e a economia. **Jornal Oestão**, Chapecó, 26 de julho de 1978c, no I, n. 17, p. 2.

Caravana da produção = muita água-com-açúcar e nada de positivo para acrescentar... **Jornal do Agricultor**, Florianópolis, outubro de 1980, ano II, n.19, p. 27.

Se a Peste (coluna de Nestor José Gollo). **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 01 de julho de 1978, ano XXX, n. 68, p. 6

Suinocultura merece muito mais atenção. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 de março de 1982, Ano XXXIV, n. 93, p. 2.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. “Sobre a memória das cidades”. **Território**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 4-26, 1998.

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOSP Espaço e Tempo** (Online), São Paulo, v. 4, n.1, p. 13 - 25, 2000.

CASSARO, Clóvis Alceu; BRANDT, Marlon. Peste Suína Africana no Oeste de Santa Catarina em 1978: notas preliminares. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, v. 10, 2020, Cerro Largo. **Anais...**, Laranjeiras do Sul: UFFS, 2020. p. 1-4.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2 ed. Chapecó: Argos, 2006.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Mônica. “O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338 - 374. maio/ago. 2017.

ZANOTTO, André Luís. **Senhores e criadores**: uma história do combate à Peste Suína Africana em Santa Catarina (1978). 202 p. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.